

SÉRIE FOTOGRÁFICA: RETRATOS DE MESTRAS E MESTRES DOS SABERES TRADICIONAIS

César Guimarães¹
Pedro Aspahan²

IMAGENS DA ESCUTA

A arte do retrato em pintura, em sua tradição europeia, com poucas exceções, demorou a trazer a aparição das pessoas comuns. Entretanto, ansiosos pela posteridade – desmentida pela fraca memória das gerações seguintes – os nobres ou burgueses logo tinham seus nomes esquecidos, ofuscados pela fama do pintor que os retratara (BENJAMIN, 1985, p. 93). A vida dos poderosos desaparecia, deixando à mostra os enganos do seu imaginário, a violência do prestígio que concediam a si mesmos e que tanto queriam impor aos outros. Daí o assombro de Peter Berger, enfeitiçado pelas imagens pintadas sobre madeira, nas múmias encontradas na necrópole de Fayum, no Egito sob domínio greco-romano (BERGER, 2015, p. 10-11). Destinadas a serem sepultadas, destituídas do desejo de perdurar, tais imagens mostram como o pintor se submetia ao olhar daqueles que pintava, tomado como uma segunda pessoa a quem se dirigiam. Um contrato íntimo, longe da relação entre sujeito e objeto, observador e observado. Sem a necessidade de apelar para os espectadores futuros, os sujeitos figurados nessas imagens nos oferecem a vida como uma dádiva, escreveu Berger.

Com o surgimento da fotografia, a experiência das pessoas comuns, capturada sob a forma de um traço do real – rosto, atitude ou olhar – ganhou uma inscrição que não se resumia ao gesto artístico do fotógrafo, como foi o caso daquela vendedora de peixes fotografada por David Octavius Hill, cuja imagem preservou, até os nossos dias, “algo que não pode ser silenciado, que reclama com insistência o nome daquela que viveu ali, que também na foto é real, e que

¹ Professor Efetivo da Universidade Federal de Minas Gerais, integrante do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da FAFICH-UFMG, coordenador do Programa de Formação Transversal em Saberes Tradicionais da UFMG e pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Integrante do Grupo de Pesquisa Poéticas da experiência, editor da revista *Devires: Cinema e Humanidades*.

² Pedro Aspahan é doutor em Comunicação Social pela UFMG, com estágio doutoral no Film Studies Department da King's College London, com o projeto “Composição musical e pensamento cinematográfico: Estética do Serialismo no Cinema de Straub-Huillet”. Desenvolve pesquisa de Pós-doutorado desde março de 2018 (bolsa Capes PNPd), coordenando o trabalho audiovisual do Programa de Formação Transversal em Saberes Tradicionais da UFMG – www.saberestradicionalis.org. No campo do cinema, atua principalmente como Diretor, Técnico de Som e Montador, especializando-se no campo do documentário e das relações entre cinema e música. Autor das fotografias.

não quer se extinguir na ‘arte’” (BENJAMIN, 1985, p. 93). No entanto, essa existência singular dos seres fotografados é recoberta continuamente por sistemas de codificação e interpretação atrelados às estruturas de dominação das sociedades, que regulam e conduzem nosso olhar a partir de uma herança iconográfica por meio da qual essas relações se inscrevem na imagem.

Em um país como o Brasil, marcado por uma grande diversidade de culturas invisibilizadas ou apagadas nas inúmeras representações visuais que circulam entre nós, os traços singulares daqueles que pertencem aos universos afrodescendentes, indígenas e populares são frequentemente ameaçados pela idealização ou pela exotização, em estratégias reificadoras que expropriam a identidade dos sujeitos retratados (HERKENHOFF, 1994, p. 43-44).

Em meio aos variados registros da cultura popular feitos por fotógrafos e cineastas, as mestras e mestres das comunidades tradicionais já ganharam o seu retrato: às vezes, de maneira breve e episódica; outras vezes, vinculados a projetos mais amplos, como aquela Enciclopédia Audiovisual da Cultura Popular idealizada pelo documentarista Geraldo Sarno no âmbito da Caravana Farkas. Nessas ocasiões, os retratos dos mestres privilegiaram sobretudo os domínios do artesanato, das manifestações artísticas e religiosas, e as diferentes técnicas de trabalho.

No caso desta série de 14 retratos dedicada a alguns dos mestres que atuaram no Programa de Formação Transversal em Saberes Tradicionais da UFMG desde 2014, o contexto é bem outro. Acolhidos pela universidade, os mestres assumem o lugar de protagonistas na apresentação dos seus múltiplos saberes, das suas formas de vida e de seus modos de pensamento. Os espaços nos quais eles atuam são transformados pela sua presença e pelo seu modo peculiar de ensinar. Troca-se a sala de aula pelos jardins e gramados ou pela mata da Estação Ecológica. Os alunos se engajam vivamente em uma escuta atenta e se envolvem, com entusiasmo, na realização de atividades variadas – o canto e a dança, a construção de casas indígenas, a feitura de tambores, pífanos e adornos com miçangas – que solicitam a participação plena dos sentidos e da inteligência, não mais separados (como é tão comum na vida acadêmica).

Os retratos das mestras e dos mestres aqui reunidos trazem algo dessa outra episteme (não-eurocêntrica) e dessa maneira de ensinar, amorosa e dialógica, que não separa o corpo do espírito, nem desvincula os humanos da sua relação com as divindades, com os animais e com as plantas. Nessas imagens, há uma correspondência entre a maneira com que os mestres assumiram o protagonismo nas aulas (guiadas pela intensa interação com os alunos) e a desenvoltura com que assumem a cena de criação do seu retrato. Tudo se passa como se a cena sensível dos espaços de aprendizagem, fortemente alterada pela presença dos mestres, migrasse também para o momento em que eles foram retratados. Com efeito, o fotógrafo esteve bem próximo deles durante sua estadia na universidade. Ele também os escutava e os filmava nas aulas. Os próprios retratos foram feitos em meio aos encontros com os mestres, em momentos de intervalo, pausa, descontração. Estabelecia-se assim um processo de confiança e de reciprocidade que fez do retrato uma cena partilhada: há presença sem tensão, os corpos estão livres na cena, há troca de olhares, cada um performa a sua *auto mise-en-scène* libertos da exigência de pose.

As fotografias que apresentamos são a materialização e a condensação visual de uma relação especial que estabelecemos com os mestres. São imagens da escuta. Muitas delas foram realizadas em comunhão com os mestres, em situações criadas conjuntamente para a realização de seus retratos audiovisuais, momento no qual passamos um bom tempo à escuta, registrando suas histórias de vida, seus cantos, suas relações com as entidades e com a natureza, seus

modos de transmissão e aprendizado dos saberes. Situações também de aprendizado pela oralidade, como acontece na tradição, porém, mediadas pelo cinema. Quando a câmera fotográfica se apresenta, ela vem testemunhar um breve instante de partilha, um micro recorte temporal, cujo fora de campo se estende para várias dimensões da história e da relação que construímos continuamente com eles. Uma relação de escuta e de enorme aprendizado.

Reunir essas imagens numa série é uma maneira de devolvê-las aos mestres e de compartilharmos publicamente o sentimento de gratidão que permanece após termos vivenciado a escuta atenta e a marcante presença de seus saberes tradicionais na universidade.



Pedrina de Lourdes Santos
Capitã da Guarda de Massambique de Nossa Senhora das Mercês de Oliveira, MG



Rosa Seixas Ferro Bezerra
Liderança da Terra indígena Xakriabá de São João das Missões, MG



Lourdes Seixas Evarista
Liderança da Terra indígena Xakriabá de São João das Missões, MG



Isabel Cavalcante Bezerra
Liderança da Terra indígena Xakriabá de São João das Missões, MG



Cacique Babau
Liderança Tupinambá da Serra do Padeiro, BA



Célia Tupinambá
Liderança Tupinambá da Serra do Padeiro, BA



Maria da Glória Tupinambá
Liderança Tupinambá da Serra do Padeiro, BA



Joelson Ferreira de Oliveira
Liderança do Assentamento Terra Vista e da Teia dos Povos, Arataca, BA.



Makota Valdina
Zeladora do Terreiro Nzo Onimboyá, Salvador, BA.



Arnaldo de Lima
Mestre dos cantos, incelenças e danças do Quilombo Custaneira, Piauí



João do Pife
Mestre do Pífano, Caruaru, PE.



Pai Ricardo de Moura
Zelador da Casa de Caridade Pai Jacob do Oriente, Belo Horizonte, MG



Maria Luiza Marcelino
Zeladora do Centro Espírito Caboclo Pena Branca e liderança do Quilombo Namastê, Ubá, MG



Antonio de Bastião
Mestre tamborzeiro do Quilombo de Macuco, São Benedito do Capivari, Minas Novas (MG)

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. Pequena história da fotografia. In: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

BERGER, John. **Portraits: John Berger on artists.** London-New York: Verso, 2015.

HERKENHOFF, Paulo. **A espessura da luz: fotografia brasileira contemporânea.** São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 1994.